



## Demarcando fronteiras e apontando caminhos para o ensino de análise linguística: uma introdução ao estudo do tema<sup>1</sup>

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013. 95 p. (Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 3). ISBN 978-85-249-2006-6

**Denise Lino Araújo**

*Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino, Universidade Federal de Campina Grande, Av. Aprígio Veloso, 882, 58429-900, Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: deniselinoaraujo@gmail.com*

Livros didáticos destinados a estudantes de graduação se constituem em um filão pouco explorado no mercado editorial no Brasil, pois tanto não temos em profusão obras que didatizem os conceitos das várias áreas de estudo, quanto temos a cultura da xerox de manuais e de capítulos de livros disseminada em todo o país. Todavia, retomando uma tradição iniciada nas décadas de 80 e de 90 do século XX, quando as coleções Primeiros Passos, da Editora Brasileira, e Princípios, da Editora Ática, ajudaram a formar gerações de estudantes universitários, a editora Cortez lançou *Leituras Introdutórias em Linguagem*. Essa coleção, “[...] destinada a alunos e professores de Letras, Linguística, Educação, Design, Sociologia, Psicologia e demais interessados nos estudos da linguagem” (DIONÍSIO et al., 2013, p. 7), publica livros introdutórios sobre temas centrais nessas áreas, procurando articular teoria e prática, bem como estimulando a pesquisa, tanto no ensino superior como na educação básica, conforme pode ser conferido na apresentação da coleção.

Uma característica singular dessa coleção e que a diferencia das congêneres citadas é o que podemos chamar de ‘controle de legibilidade’. Tal controle se dá com a apreciação feita por dois grupos de leitores que leem os originais, a fim de avaliá-los da perspectiva do leitor. Um desses grupos é formado por universitários de diferentes instituições matriculados em cursos da área à qual o exemplar da coleção se destina. Em sua

avaliação, eles devem levar em consideração a clareza do texto para leitores iniciantes. Suas sugestões de refacção são encaminhadas aos autores, que revisam o texto. Feito isso, o manuscrito passa por outro processo de avaliação. Desta feita, especialistas, convidados para a função de pareceristas, avaliam a obra. Com esse circuito de idas e vindas do texto, cria-se um interessante processo de elaboração para os autores – pesquisadores e professores universitários – que escreverem para neófitos. Essa condição os desafia a abrir mão do jargão, a lembrar que os leitores não terão (quase) nenhum conhecimento sobre o assunto e, portanto, os desafia a didatizar.

Outros méritos da coleção são: o índice remissivo, recurso fundamental em uma obra didática; a seção ‘desdobramento do tema’, que apresenta um conjunto de questões reflexivas de natureza teórico-metodológica que visa subsidiar a discussão do tema; e a seção ‘Lendo mais sobre o tema’, que apresenta um rol com a síntese das principais fontes de pesquisa, apresentando, assim, ao leitor que se interessar pelo tema certo mapa de leitura.

O volume 3 dessa coleção – *Análise Linguística, afinal, a que se refere?* – escrito por Bezerra e Reinaldo, publicado em 2013, visa contribuir para a compreensão dessa expressão, que é polissêmica no âmbito dos estudos linguísticos (doravante retomada como AL). Organizado em três capítulos, o livro deve ser lido como uma obra sistêmica cuja leitura da apresentação, feita pelas Professoras Beth Marcuschi e Maria Angélica Furtado, e da introdução, feita pelas autoras do livro, é de fundamental importância para que o leitor se situe quanto aos sentidos da expressão análise linguística no campo teórico e no campo aplicado tratado nos três capítulos seguintes.

<sup>1</sup> Esta resenha sumariza duas aulas do componente Língua Portuguesa, da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, ministrada pela autora para os alunos do curso de Letras da UFCG. Agradeço aos alunos Aymmee Silveira Santos, Hermano Aroldo Gois Oliveira, Jessyca Priscila Nobrega Gomes, Juliana Ramos do Nascimento, Luana Oliveira Vital Barros, Lucilene da Silva Fernandes Teixeira, Marcela de Melo Cordeiro Eulalio, Rochele Sidartha Pimenta de Oliveira e Suellen Anselmo que participaram das aulas entusiasmadamente e contribuíram com algumas das ideias aqui retextualizadas. Agradeço também à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Auxiliadora Bezerra, por ter participado de uma das aulas, discutindo o livro com os alunos.

Na apresentação, as professoras destacam que

[...] a expressão *análise linguística* é frequentemente utilizada em textos acadêmicos, em manuais de Linguística e até mesmo em livros didáticos sem que haja preocupação em delimitar o âmbito das significações ou interpretações que essa expressão possa veicular. Esse livro nos possibilita compreender que sob o rótulo *análise linguística* abrigam-se perspectivas distintas de trabalho com a língua materna (MARCUSCHI; CUNHA, 2013, p. 9, itálicos presentes no original).

Essa observação remete o leitor para um trabalho de monitoramento ao longo da leitura, qual seja o de identificar o objeto que está sendo referido quando a expressão AL é usada.

No texto introdutório, Bezerra e Reinaldo chamam a atenção do leitor para entender que teorias linguísticas fornecem uma descrição linguística, i.e, fornecem uma dada análise linguística. No âmbito da ciência linguística produzida no Brasil a partir da década de 80 do século XX, a expressão análise linguística, já usada em coocorrência com o termo descrição linguística, passou a ter um novo sentido e uma nova aplicação, que foi a de se referir ao trabalho que se faz com o texto do aluno na sala de aula. Essa definição e sua consequente aplicação metodológica estão epistemologicamente ancoradas na proposta de Geraldí (1984), que, segundo as autoras, teve uma intensa repercussão no âmbito acadêmico, a ponto de, posteriormente, influenciar os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, aparecendo sumarizada no esquema uso→reflexão→uso e levando ao estabelecimento de três eixos de ensino de língua materna, a saber: leitura, produção textual (oral e escrita) e análise linguística, sendo este último entendido como articulação entre atividades epi e metalinguísticas que se fazem sobre o texto.

Tendo estabelecido que a expressão análise linguística refere-se tanto à descrição de um sistema quanto à reflexão sobre recursos linguístico-textual-enunciativos desse sistema com finalidade didática, fica claro que a descrição gramatical clássica pode ser tomada como um modelo e que pode ser usado didaticamente, a partir de uma reflexão sobre os fatos da língua, assim como os demais modelos descritivos. Essa delimitação é fundamental para que o leitor compreenda os capítulos subsequentes, que concorrem para o objetivo geral da obra, que é “[...] abordar a análise linguística do ponto de vista teórico e de sua prática em sala de aula de língua materna, como eixo de ensino” (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 17).

No capítulo 1 – Análise linguística: questões teóricas –, as autoras apresentam um panorama dos estudos sobre as unidades linguísticas em diferentes contextos sócio-históricos. Para isso, tomam o século XIX como marco inicial desse panorama, delimitando seu marco final na segunda década do século XXI. Segundo Bezerra e Reinaldo, no século XIX, a análise linguística realizada focalizava os aspectos histórico-comparativos, cujas unidades de análises eram as palavras e seus componentes (raízes, radicais e afixos) em várias línguas. Já no século XX, o estudo da língua em sua imanência desencadeou um conjunto de estudos realizados sobre diferentes vertentes, a saber: estruturalista, gerativista, as vertentes sociológicas, culturais, pragmáticas e discursivas. Por fim, no século XXI, essas correntes se firmam e se especificam (BEZERRA; REINALDO, 2013, p. 20), de tal modo que do estudo de unidades discretas passa-se ao estudo de unidades complexas – o texto, a enunciação, o discurso, o(s) gênero(s).

O aspecto positivo desse capítulo reside na exemplificação que é apresentada para as perspectivas de análise linguística. Fixando-se nas vertentes nascidas no século XX e tomando manuais de linguística como fontes documentais, as autoras ilustram com análises que focalizam aspectos semânticos de algumas classes de palavras e suas relações sintáticas; apresentam ainda outras análises que focalizam os constituintes sintagmáticos; e algumas que focalizam aspectos textuais-enunciativos. Ao ler este capítulo, o leitor tem um panorama dos estudos linguísticos mais relevantes do último século.

No capítulo 2 – Análise Linguística como eixo do ensino de língua portuguesa –, as autoras informam que a expressão Análise Linguística é encontrada em diversas publicações acadêmicas e que paulatinamente passou também a ser encontrada em livros didáticos (BEZERRA; REINALDO, 2013) a partir de sua inserção nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino de Língua Portuguesa, publicados no final da última década do século XX.

Nas publicações acadêmicas, destacam-se os trabalhos inicialmente organizados por Franchi, logo após desenvolvidos por Geraldí e posteriormente aprofundados por seus continuadores, em torno de três conceitos centrais: atividade linguística, epi e metalinguística. Uma característica desse grupo de autores é o deslocamento gradativo do trabalho com a AL a partir da escrita do aluno como objeto de estudo – proposta inicial de Geraldí (1984) no livro *O texto na sala de aula* – para uma proposta de

sistematização das operações linguísticas e sua metalinguagem, tendo o texto, o discurso e/ou o gênero como objeto de leitura.

Nas publicações didáticas da primeira década do século XXI, Bezerra e Reinaldo destacam três tendências quanto ao estudo dos fatos da língua. A primeira, denominada conservadora, “[...] enfatiza os conhecimentos propostos pela gramática tradicional em seus aspectos descritivos [...] e prescritivos” (BEZERRA; REINALDO, p. 53). Como se pode inferir, as coleções de livros didáticos enfiadas nessa tendência propõem um ensino de aspectos linguísticos dissociados das questões de uso e ainda nomeados como estudos de gramática. A segunda tendência, denominada conciliadora, “[...] apresenta [para as seções de estudo da língua] denominações que refletem influências teóricas oriundas da linguística e da tradição gramatical” (BEZERRA; REINALDO, p. 55). A terceira tendência, denominada inovadora, “[...] adota denominações para estudo da língua inspiradas nas contribuições da Linguística e se caracteriza pela não sistematização de temas e atividades a elas relacionadas” (BEZERRA; REINALDO, p. 58). As autoras criticam essa tendência pelo fato de as atividades de AL serem ancoradas nas atividades de leitura. Todavia, essa crítica pode ser estendida a quase todos os trabalhos didáticos com AL, pois a maioria deles leva em consideração a relação Leitura-AL, inclusive as próprias autoras, nos exemplos apresentados no capítulo 3, diferentemente da proposta de Geraldi, que tinha como foco a relação Escrita-AL. Essa proposta supõe um ensino customizado que parece praticamente impossível de ser realizado em face das atuais condições de trabalho docente: classes superlotadas, muitas horas-aula e poucas horas para planejamento e modelização didática (ROJO, 2001; CRISTOVÃO et al., 2006).

Por fim, no terceiro capítulo – Análise Linguística em Sala de Aula –, Bezerra e Reinaldo, baseadas na noção de ensino explícito, apresentam três propostas: uma de análise e duas de atividades. Para quem está buscando o modo de fazer, esse é o capítulo que salta aos olhos. Apesar de bem estruturado, reflete o próprio estado da arte no campo dos estudos sobre AL, ou seja, aponta modelos – um teórico e outro de composição de exercícios – não necessariamente articulados.

O primeiro exemplo traz uma perfeita análise funcional e enunciativa de um texto do gênero folder publicitário (no caso, de um apart hotel), contemplando os níveis sequencial-composicional, semântico, enunciativo e argumentativo. Porém, é apenas um exemplo de um modelo de descrição linguística que não é seguido de uma proposta de

atividade didática (MATÊNCIO, 2001). Além disso, a modelização didática apresentada (voltada para um nível muito alto de ensino, como a graduação em Letras/Linguística) é de um gênero passível de ser usado na sala de aula, mas que não aparece entre o que se pode chamar de recorrente na constelação de gêneros escolarizados ou didáticos (resumo, resenha, verbete, artigo de opinião e científico, carta de leitor, crônica etc.). Contra a análise apresentada, pesa ainda a nomenclatura usada, que não está ao alcance de muitos alunos de licenciatura/bacharelado, nem do professor da escola básica, muito menos de seus alunos.

Nos exemplos dois e três, dá-se exatamente o contrário: temos dois bons exemplos de atividades e de tarefas, mas sem modelização do gênero artigo científico. Esses exemplos tornam-se de mais fácil entendimento por aquilo que o anterior não faz: o uso de categorias já conhecidas da descrição gramatical. No caso em pauta, as autoras optam pelo estudo do artigo que, em termos de funcionamento, é uma das classes gramaticais mais simples. Por esse motivo, tal como proposto, a abordagem didática reflexiva tanto pode ter como ponto de partida o fato de os alunos conhecerem a denominação e desconhecerem o funcionamento, quanto pode ter como ponto de partida o fato de não conhecerem a denominação nem o funcionamento dessa classe gramatical. As propostas apresentadas são excelentes, todavia deixam transparecer a ideia de que o ensino de AL na escola básica só funciona para classes de palavras simples.

Isto posto, cabe destacar que esse descompasso final, no terceiro capítulo – uma descrição sem atividades e duas atividades sem descrição – não desconfigura o livro nem desautoriza a sua contribuição, pois ele cumpre importante papel junto aos cursos de formação docente, inicial e continuada, demarcando fronteiras e apontando caminhos para o ensino de análise linguística, bem como reafirmando o papel dos manuais didáticos para graduação.

## Referências

- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 3).
- CRISTOVÃO, V. L. L. DURÃO, A. B. A. B.; NASCIMENTO, E. L.; SANTOS, S. A. M. Cartas de pedido de conselho: da descrição de uma prática de linguagem a um objeto de ensino. **Linguagem e Ensino**, v. 9, n. 1, p. 41-76, 2006.
- DIONÍSIO, A. P. et al. Apresentação da coleção. In: BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. (Ed.). **Análise**

**linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 3). p. 7-8.

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula.** Cascavel/Campinas: Assoeste/Unicamp, 1984.

MARCUSCHI, B.; CUNHA, M. A. C. Apresentação: delimitando o alcance da expressão análise linguística. In: BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. (Ed.). **Análise linguística, afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção leituras introdutórias em linguagem, v. 3). p. 9-12.

MATÊNCIO, M. L. M. **Estudo da língua falada e aula de língua materna** – uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROJO, R. H. R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. B. (Org.). **A formação do professor:** perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 313-336.

*Received on December 23, 2014.*

*Accepted on June 3, 2015.*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.